

O *Rock* e a espiritualidade não religiosa na socialização dos/as roqueiros/as sem religião

Rock and non-religious spirituality in the socialization of rockers without religion

*Flávio Lages Rodrigues*¹

RESUMO

Neste artigo apresentaremos um fragmento da nossa tese de doutorado, através da pesquisa de campo com os relatos dos entrevistados. Para isto, indagamos, se, e como o *rock* poderia gerar um tipo de espiritualidade não religiosa na socialização dos/as roqueiros/as sem religião nos círculos urbanos *headbangers* em Belo Horizonte. Nossa hipótese procurou identificar se havia algum tipo de espiritualidade não religiosa na sociabilidade e solidariedade desses/as roqueiros/as sem religião. A metodologia nesta parte da pesquisa ocorreu de forma mista com a pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica, tendo como principal teórico o sociólogo francês Michel Maffesoli. Embora, para a maioria desses participantes da pesquisa ocorra essa espiritualidade não religiosa com a socialização e solidariedade, através do *rock*, *heavy metal* e de seus subgêneros, ela não é unânime, devido à rejeição que esse grupo demonstra em relação aos círculos e instituições religiosas, bem como a qualquer manifestação religiosa ou espiritual.

PALAVRAS-CHAVE

Socialização; Roqueiros/as sem religião; *Rock*, *heavy metal* e seus subgêneros; Espiritualidade não religiosa; Círculos urbanos *headbangers*.

ABSTRACT

In this article we will present a fragment of our doctoral thesis, through field research with the interviewees' reports. For this, we asked if and how rock could generate a type of non-religious spirituality in the socialization of non-religious rockers in urban headbanger circles in Belo Horizonte. Our hypothesis tried to identify if there was some kind of non-religious spirituality in the sociability and solidarity of these non-religious rockers. The methodology in this part of the research occurred in a mixed way with field research and bibliographical research,

¹ Doutor (2023) e Mestre (2018) em Ciências da Religião pela PUC Minas PPGCR, bolsista pela CAPES e membro do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura/CNPq desde 2015. Bacharel em Teologia (2005) e especialista em Teologia Sistemática (2007) pela Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte-FATE-BH.

having as main theoretician the French sociologist Michel Maffesoli. Although, for most of these research participants, this non-religious spirituality occurs with socialization and solidarity, through rock, heavy metal and their subgenres, it is not unanimous, due to the rejection that this group demonstrates in relation to religious circles and institutions, as well as any religious or spiritual manifestation.

KEYWORDS

Socialization; Rockers without religion; Rock, heavy metal and its subgenres; Non-religious spirituality; Headbangers urban circles.

Introdução

Notamos que o surgimento das cidades intensificou o processo de urbanização das metrópoles e megalópoles do Brasil e do mundo, e foram fundamentais para novos modos de socialização como observado com os círculos urbanos *headbangers*². Nessa direção, entre outros fatores, Michel Maffesoli aponta para a cidade como fomentadora de vários grupos dos iguais com o que ele categorizou como “tribos”, “tribos urbanas” e “neotribos”, para designar de forma metafórica essas formas de socialização e coletividade, que estão nascendo e tomando corpo dentro do tecido urbano.

Observando esses novos modos de sociabilidade citadinos, procuramos entender com a pesquisa bibliográfica e, principalmente, através dos relatos dos/as roqueiros/as sem religião, participantes da pesquisa de campo³, se *o rock poderia gerar um tipo de espiritualidade não religiosa na socialização dos/as roqueiros/as sem religião nas tribos urbanas headbangers em Belo Horizonte*⁴.

Nesse artigo, que é um recorte de nossa tese de doutorado, nossa hipótese foi confirmada através dos relatos de sete participantes⁵. No entanto, para esses participantes da pesquisa,

² O termo *headbanger* é utilizado pelos fãs da cultura *heavy metal*, bem como de suas posteriores variações e subgêneros musicais. Ele surgiu por volta de 1970, na Inglaterra, e imigrou para os Estados Unidos. A banda inglesa *Black Sabbath* foi a precursora do estilo *heavy metal* e da incorporação nos *shows* da agressividade estética *headbanger*. A expressão tribo urbana *headbanger* é dada aos jovens que interagem em pequenos grupos ou tribos nos centros urbanos. Para essa tribo, a socialização gira em torno da sonorização com o *rock* pesado, na produção e no consumo dessa música entre os jovens. Estes também consomem uma variedade de roupas, calçados e acessórios, que muitas vezes são definidos pelos membros da própria tribo. Durante os *shows*, esses jovens dançam em círculo com o *mosh*, o que lembra as tribos indígenas em suas danças. Nas apresentações das bandas de *rock* pesado, ocorre a dança no *mosh*, com os jovens rodando em círculos em uma dança frenética e agressiva, no qual são desferidos socos e pontapés ao ar, ou contra quem se dispuser a fazer parte desse ritual. No *caos e desordem* da manifestação das tribos urbanas *headbangers* com danças e empurrões, podemos ver uma fonte de potência e efervescência nessa sociabilidade juvenil. Outra forma peculiar de expressão dessa tribo é bater a cabeça durante os *shows*, que é o significado literal para *headbanger*; com o movimento para cima e para baixo, jogando os cabelos ao ar, com o movimento violento da cabeça no ritmo da música. *Headbanger* é a denominação da cultura de fãs de *heavy metal* e suas variantes.

³ Para a realização da pesquisa de campo foi aprovado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas (CEP), sob o número N.º Registro CEP: CAAE 25890719.1.0000.5137.

⁴ Nessa parte do artigo analisamos os relatos dos participantes com a pesquisa de campo. Utilizamos a pergunta 23 do questionário com a entrevista semiestruturada, procurando conhecer e entender as experiências internas das pessoas nesse grupo. Para isto, perguntamos, se o *rock* poderia gerar um tipo de espiritualidade não religiosa na socialização dos/as roqueiros/as sem religião nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte.

⁵ Na pesquisa de campo, aplicamos um questionário com a entrevista semiestruturada com 26 perguntas, entre elas utilizamos 10 categorias de espiritualidade desenvolvidas por STREIB, Heinz; KLEIN, Constantin.

embora ocorra essa espiritualidade não religiosa através da socialização e solidariedade, que é gerada com o *rock*, *heavy metal* e seus subgêneros. Verificamos que isto não é uma unanimidade, devido à rejeição a qualquer manifestação ou traços de uma prática religiosa ou espiritual dentro desse grupo. O que percebemos através dos relatos dos participantes da pesquisa é que o *rock* se tornou uma ponte na sociabilidade e solidariedade que foram geradas pela espiritualidade não religiosa entre os/as roqueiros/as sem religião⁶. Com a ausência dos poderes públicos e a falta de direitos básicos para esse grupo, que começa ainda na juventude, esses/as roqueiros/as sem religião acabaram dando outras significações para suas carências, falta de esperança e crises existenciais, inclusive, na falta de respostas que a religião, a espiritualidade e seus círculos ou instituições religiosas poderiam dar⁷.

1. Crises como fomentadoras de socializações nos círculos urbanos *headbangers* com o *rock*, *heavy metal* e seus subgêneros

O *rock*⁸, desde o seu nascimento com o *blues* e o *gospel* em 1940 nos Estados Unidos, já era utilizado pelos negros que estavam nos campos de algodão como instrumento de contestação contra a injustiça e opressão pela qual passavam. A música *rock*, com sua cosmovisão inicial de protesto e contestação, pode ser ainda observada com o *heavy metal* e seus subgêneros, com a rebeldia que mostra os conflitos nas tribos urbanas em Belo Horizonte que se iniciaram em meados da década de 1980 e persistem até os nossos dias. Isso foi comprovado em nossa pesquisa com os relatos dos/as roqueiros/as sem religião, que mostraram como essas tribalizações

Religion and Spirituality. In: STAUSBERG, Michael; ENGLER, Steven (org.). *The Oxford Handbook of the Study of Religion*. New York/London: Oxford University Press, 2016, p. 76-77, que foram transformadas em 10 perguntas. Os pré-requisitos para a seleção dos participantes da pesquisa era ser maior de 18 anos de idade, ser roqueiro/a sem religião e ter vivenciado algum tipo de experiência nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte. Também aplicamos um questionário socioeconômico que foi preenchido pelos/as participantes e nos ajudou a entender melhor a composição do grupo. Recrutamos 10 participantes nas entrevistas, sendo 8 homens e 2 mulheres. As entrevistas ocorreram entre os meses de fevereiro e abril de 2020. Foram 9 entrevistas gravadas presencialmente ou por *skype* através de áudio, totalizando 13 horas 20 minutos e 13 segundos, que transcritas geraram 495 páginas no formato *word*. Apenas 1 entrevista foi realizada de forma escrita.

⁶ De acordo com José Álvaro Campos Vieira: “Os sem religião, são uma diversidade de pessoas: umas se dizem ateias, outras agnósticas e outras são *como religiosas*, mas sem vínculo com alguma instituição.” (VIEIRA, José Álvaro Campos. *Os sem-religião. A aurora de uma espiritualidade não religiosa*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018, p. 15). Ainda segundo Vieira (2018, p. 15), em sua pesquisa dentro do grupo de sem religião, identificou pessoas que são *como religiosas*, pois mostram vestígios de uma prática religiosa que ainda acontece com crenças, necessidades e soluções de problemas diários e pela liberdade que elas têm para acessar bens e serviços religiosos, sem a imposição de agremiações ou instituições religiosas. Conforme o Censo 2010 do IBGE houve um declínio do número de católicos e aumento dos evangélicos, espíritas e sem religião. Analisando os sem-religião no Censo 2010, foi registrado um aumento entre a população que se declarou sem-religião. Em 2000 eram quase 12,5 milhões (7,3%), ultrapassando os 15 milhões em 2010 (8,0%). Ressaltamos que na nossa pesquisa investigamos pessoas sem religião, aquelas que ainda possuem algum fragmento da religião e outras que não têm nenhum vínculo com as instituições ou círculos religiosos.

⁷ Ver também a pesquisa de doutorado da Cláudia Danielle de Andrade Ritz (2023) em Ciências da Religião no PPGCR na PUC Minas sobre os sem religião com crença. Nesta pesquisa ela mostrou o panorama histórico do catolicismo e as crises enfrentadas com a fragilização da herança religiosa.

⁸ Para outras informações sobre música e religião, bem como a utilização com o *rock* pesado, *heavy metal* e seus subgêneros no contexto religioso com as tribos urbanas *headbangers* no Brasil, ver: Rodrigues (2006), Rodrigues (2007), Rodrigues (2017), Rodrigues (2018a), Rodrigues (2018b), Rodrigues (2018c), Rodrigues (2019a), Rodrigues (2020a), Rodrigues (2020b), Rodrigues (2022) e Rodrigues (2023).

ocorreram e ainda ocorrem nesse grupo, no qual o *rock* foi apontado como elemento de socialização e solidariedade na construção de uma espiritualidade não religiosa para o grupo.

O termo *tribo*, proposto por Maffesoli como metáfora, observava justamente as transformações do vínculo social. Entretanto, para Pais⁹, a utilização do termo *tribo* pode causar algum tipo de preconceito ao criar uma *etiqueta* que se transforma em rótulos que são aplicados aos jovens e a todos os participantes dessas tribos, que podem não se identificar com a etiqueta imprimida a eles e, ainda, correm o risco de serem confundidos com grupos que estão em conflito com a lei como *bandos* e *gangs*. Assim, podem sofrer algum tipo de preconceito por rótulos que são criados para algumas tribos: “Os jovens são o que são, mas também são (sem que o sejam) o que deles se pensa, os mitos que sobre eles se criam. Esses mitos não reflectem a realidade, embora a ajudem a criar”¹⁰.

Magnani¹¹ observa as limitações do termo *tribos*, pois ele é usado nos estudos tradicionais de etnologia para laços mais profundos e duradouros, como clãs, tribos, segmentos e grupos locais. Porém, para os jovens o termo significa justamente o contrário, ou seja, uma fragmentação e uma postura contra a cultura de massas.

De acordo com Pais, o próprio termo *tribo* já carrega em si a ideia de atrito, resistência e oposição.

Com efeito, tribo é um elemento de composição de palavras que exprime a ideia de atrito (do grego *tribé*), isto é, a resistência de corpos que se opõem quando se confrontam. Esta dimensão de resistência grupal, substantivamente ligada à ideia de atrito, encontra-se presente no fenômeno das tribos urbanas¹².

No atrito e resistência à cultura de massa que é estabelecida como padrão a ser seguido para grande parte da população, as tribos urbanas *headbangers* podem também sofrer algum tipo de depreciação e preconceito, com o rótulo e o estigma que são dados aos seus membros. “Não é certamente por acaso que muitos grupos de jovens levam com o apodo de tribo. É que as suas condutas são vistas como desalinhas, confrontativas, exóticas”¹³.

No percurso histórico do nascimento do *rock*, desde 1940, passando por 1980 e 1990, até os nossos dias com os/as roqueiros/as sem religião, notamos que alguns grupos sociais e tribos urbanas tiveram um posicionamento de atrito e resistência em relação à sociedade, para isso utilizaram o *rock* como um instrumento social de protesto e contestação. Os/as roqueiros/as sem religião que estão nas tribos urbanas *headbangers* ainda hoje utilizam o *rock* como elemento cultural em suas contestações aos poderes instituídos, entre eles o religioso.

Apesar de usar a metáfora da *tribo* para designar as transformações do tempo vigente, Maffesoli entende que ela não dá conta de expressar com segurança este conceito. Por outro lado, os intelectuais não conseguem se comunicar com a geração vigente, por seus conceitos serem ineficazes, obsoletos e, por isso, muitas pessoas, especialmente os jovens, não participam ou

⁹ PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva. (org.). *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004. p. 10.

¹⁰ PAIS, 2004, p. 11.

¹¹ MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, 2005. p. 175.

¹² PAIS, 2004, p. 12.

¹³ PAIS, 2004, p. 13.

não querem se envolver nas decisões políticas, devido à falta de vínculo entre o discurso e a vida em sua realidade.

Há, reconheço, um verdadeiro paradoxo: indicar uma direção garantida com “palavras” não tendo, de modo algum, a segurança do conceito. [...] Talvez seja preciso saber aceitar, e viver, esse paradoxo. [...] é preciso saber se contentar com as metáforas, analogias, imagens, todas coisas vaporosas, que seriam os meios menos piores possíveis para dizer ‘o que é’, o que está em estado nascente. [...] E é a isso que se dedica a maior parte dos intelectuais, jornalistas, políticos, assistentes sociais e outras boas almas, que se sentem ‘responsáveis’ pela sociedade. Qualquer que seja a situação, quaisquer que sejam os protagonistas, eles só têm na fala as palavras, cidadania, República, Estado, contrato social, liberdade, sociedade civil, projeto. É, sem dúvida, honroso e mesmo bastante gentil. Sim, mas são palavras que parecem vir do planeta Marte para a maior parte dos jovens que não sabem o que fazer da política e mesmo do social. A abstenção, por ocasião das eleições, é, a esse respeito, esclarecedora pelo fato de que ela mostra bem em que o mecanismo de *representação* não tem mais qualquer relação com o que é vivido.¹⁴

Ao utilizar o termo *tribos urbanas*, pensamos na questão metafórica proposta por Maffesoli, que demonstra as transformações nos vínculos sociais, com o sentimento de pertencimento e de estar juntos, o afeto, as paixões e devoções comunitárias ao *rock*, realizadas pelos jovens e por pessoas de todas as idades, que aderem à essas tribos. Mas é justamente na não aceitação da tribo pelo que é imposto como padrão cultural pela cultura de massas que podemos ver o sentimento de pertencimento, o convívio e o sentimento de estar juntos. Nesse aspecto, as tribos urbanas unem as pessoas que têm as mesmas sensações, emoções, interesses e ideais. “Se os indivíduos que integram algumas tribos urbanas se distanciam de determinados padrões sociais, não é propriamente com o objectivo de se isolarem de tudo o que os rodeia, mas para se reencontrarem com grupos de referência mais próximos dos seus ideais”¹⁵.

O conceito de *tribo* foi teorizado pelo sociólogo francês Michel Maffesoli de forma pioneira na metade da década de 1980. Maffesoli propõe a metáfora para *tribo* justamente para observar a metamorfose do vínculo social.¹⁶ Outro fato para a utilização do termo *tribo* se dá pelo próprio grupo pesquisado se autodeclarar como uma tribo ou, mais especificamente, como tribo urbana *headbanger*.

No entanto, como vimos acima, devido aos problemas que o conceito *tribo* pode trazer com rótulos, estigmas e com os estudos etnológicos que apontam para laços mais profundos e duradouros, ao contrário do que ocorre para os integrantes desses grupos juvenis e de várias idades que se aglutinam em torno de variados objetos e ideologias, como é o caso do *rock*, do *heavy metal* e de seus subgêneros, com a postura de fragmentação desse grupo com a contra cultura de massas, não adotamos mais o conceito *tribo*, mas em seu lugar utilizamos o conceito *circo* ou *círculos* urbanos *headbangers*, o que nos ajudará a demarcar sociologicamente os indivíduos que pertencem a esses *círculos* urbanos *headbangers* e os que estão fora desses *círculos*. Salientamos que no decorrer do artigo utilizaremos tanto as categorias “tribos”, “tribalizações”, “tribos urbanas” ou mesmo “neotribos” que foram cunhadas por Maffesoli, quanto a categoria

¹⁴ MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a. p. 4-5.

¹⁵ PAIS, 2004, p. 17.

¹⁶ MAFFESOLI, 2010a, p. 4

que passamos a adotar para descrever esses grupos juvenis como círculos urbanos *headbangers*. Ambas as categorias sinalizam para o mesmo objeto e grupo social.

Nesta direção, Maffesoli mostra que as jovens gerações e os mais variados grupos se aglutinam justamente no prazer de estar juntos e partilhar das mesmas experiências sociais:

Ajudar-se mutuamente, encontrar novas formas de solidariedade, de generosidade, criar ocorrências caritativas, há tantas ocasiões para vibrar junto, para exprimir ruidosamente o prazer de estar-junto, ou, para retomar uma expressão trivial frequentemente nas novas gerações, para “gozar”. Expressão judiciosa no que ela ressalta bem o fim da forte identidade individual. Goza-se na efervescência musical, na histeria esportiva, no calor religioso, mas igualmente em uma ocasião caritativa, ou, ainda, em determinada explosão política¹⁷.

Isso foi observado com a efervescência musical através do *heavy metal* e seus subgêneros na capital mineira, no qual suspeitamos que, ainda hoje, os/as roqueiros/as sem religião, que estão nas tribos urbanas *headbangers*, talvez desenvolvam um tipo de espiritualidade não religiosa em torno da música *rock*, na sociabilidade entre os adeptos dos círculos urbanos *headbangers*. Essa potência na socialização que gera a coletividade, pode ser observada, já na década de 1980, com os/as roqueiros em Belo Horizonte.

Belo Horizonte, com suas características sociais provincianas muito ligadas à religiosidade cristã, colaborou para o surgimento de um novo grupo social nos anos 1980, que trouxe em seu gene o espírito da criação da cidade. Um espírito de vanguarda que buscou romper com o antigo, opondo-se à tradição, mas se valendo de práticas quase sagradas para se alcançar essa finalidade, lançando luzes a uma ritualística quase litúrgica nas formas de comportamento da cena. Práticas que podiam ir desde os encontros nas lojas todos os fins de semana, até as reuniões para ensaios que se desdobravam noite adentro nos botecos da cidade¹⁸.

O que percebemos é que esses roqueiros buscavam uma ruptura com qualquer instituição que pudesse representar a tradição, entre elas a Igreja Católica que era predominante na cidade naquela época. De um modo geral, no Brasil e em outros países essa ruptura dos sem religião com os círculos e instituições religiosas tem sido objeto crescente de pesquisas devido à recusa da transmissão da tradição religiosa às próximas gerações, conforme afirma Ritz:

Aliás, em nossa pesquisa de campo, as pessoas sem religião com crença, majoritariamente, se disseram não comprometidas com a transmissão; ao contrário, pontuaram que irão privilegiar a escolha individual dos descendentes. [...] A ausência de interesse ou a recusa em transmitir a tradição nos faz considerar que há uma erosão no sentido simbólico contido na tradição, isto é, a perda de afeição à tradição, e esta não alcança a subjetividade da pessoa e por isso não é legitimada. Afinal, a adesão evoca no indivíduo urbano a autonomia.¹⁹

¹⁷ MAFFESOLI, 2010a, p. 18.

¹⁸ NASCIMENTO, Leonardo Henrique Alves de Lima; CALAÇA, Gleyber Eustáquio; DINIZ, Alexandre Magno; CALVO, Julia. Heavy metal Made in Minas Gerais: a construção de um movimento headbanger em Belo Horizonte na década de 1980. *Cadernos de História*, v. 20, n. 32, p. 180-197, 2019. p. 194.

¹⁹ RITZ, Claudia Danielle de Andrade. *Eu sou sem religião com crença: a fragilização da herança religiosa e a conservação da crença como elo de memória*. 2023. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. p. 200.

Na demarcação dos rituais do grupo e, também, no distanciamento de qualquer poder instituído, as práticas desses roqueiros tomaram formas quase sagradas na socialização, com o ritual no comportamento de todos que aderiam aos círculos urbanos *headbangers* na cena *underground*, tornando essas práticas sociais variadas, como demarcação dos rituais sociológicos entre os participantes do círculo de roqueiros em oposição aos moradores de Belo Horizonte.

A sociabilidade juvenil tem uma amplitude no contexto urbano e a vida cidadina possibilita e ainda potencializa variados relacionamentos nas áreas sociais, política, econômica, cultural e religiosa. Se no contexto rural a vida girava em torno da Igreja Católica, com suas paróquias, matriz e com toda a comunidade de fiéis que previamente sabia como lidar com as mais diversas manifestações eclesiais, sociais e familiares, hoje o que percebemos é uma certa diluição dessas normas e costumes: a cidade proporciona essa efervescência e liberdade individual em que o sujeito faz seu próprio percurso com autonomia e liberdade de escolha²⁰.

É nesse esvaziamento das instituições sociais que se potencializa no contexto citadino com uma diluição das normas e costumes. Percebemos que as crises no contexto citadino e, também, com a pós-modernidade²¹ se tornaram fomentadoras nos círculos urbanos *headbangers* com a geração de uma espiritualidade não religiosa, socialização e solidariedade através do *rock*, o *heavy metal* e seus subgêneros.

2. O *rock* e sua possibilidade para uma espiritualidade não religiosa entre os/as roqueiros/as sem religião

Os ritmos musicais têm o poder de se tornar o objeto socializador para muitas pessoas e grupos. Nesta direção, observamos em nossa pesquisa como o *rock*, o *heavy metal* e seus subgêneros tiveram e ainda tem o poder de aglutinar pessoas em torno da solidariedade, sentimento de pertencimento, partilha dos mesmos gostos e emoções. Para conhecer e entender o que o *rock* representava para esses entrevistados, em nossa pesquisa perguntamos se o *rock* pode gerar um tipo de espiritualidade não religiosa na socialização dos/as roqueiros/as sem religião nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte. Dessa forma, apresentamos as respostas

²⁰ RODRIGUES, Flávio Lages. As trajetórias da música *rock* na Comunidade Caverna de Adulão. *Interações*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 197-213, 2020a. p. 202.

²¹ Para marcar a contemporaneidade em nossa pesquisa, utilizamos como pano de fundo o conceito de pós-modernidade amplamente difundido por Michel Maffesoli. De acordo com Maffesoli (2010a), as marcas da pós-modernidade podem ser vistas por toda a parte. Basta ver as inúmeras tribos urbanas que compõem o tecido social das grandes metrópoles. Para ele as pessoas buscam o sentido para vida, aqui e agora com experiências que são vividas no presente na partilha dos mesmos gostos, emoções e que gerem prazer. Elas buscam algo que possa lhes dar sentido e vontade de viver. Há uma potencialização pela vontade de estar ligado a algum grupo, com o desejo de pertencimento a um clube social, associação, tribo juvenil e de todas as idades, igreja, partido político, religião, seita, clube de futebol ou qualquer massa de pessoas com as quais se estabeleça um intenso laço social e de comunhão. Maffesoli adota o termo pós-modernidade no livro: *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*, para mostrar as transformações contemporâneas nos vínculos sociais. Conforme, Maffesoli (2010a), páginas 03, 05, 07, 08, 09, 10, 11, 15, 31, 66, 153 e 171. Sobre pós-modernidade ver também, Maffesoli (1984), Maffesoli (1985), Maffesoli (2001a), Maffesoli (2001b), Maffesoli (2001c), Maffesoli (2002), Maffesoli (2003a), Maffesoli (2003b), Maffesoli (2005a), Maffesoli (2005b), Maffesoli (2007a), Maffesoli (2007b), Maffesoli (2010b), Maffesoli (2014), entre outras obras do autor.

dos participantes da pesquisa para conhecer e entender suas experiências com a música *rock* em torno dessa espiritualidade não religiosa.

Analisemos o relato de um dos participantes da pesquisa.

Ah, por si só não. Os roqueiros, os *headbangers*, eles teriam que se aprofundar e levar isso com maior seriedade. [...] De novo, socialização até tem. Mas é uma espiritualidade, uma comunhão espiritual entre os membros dessa cena, para que ela tenha uma seriedade em aspectos que importam. Não em picuinhas do passado, tipo, “por que você está usando essa camiseta?” [...] O mesmo espírito, uma mesma seriedade entre os participantes dessa cena. (Participante 1, homem, 33 anos).

Embora esse participante reconheça que ocorra uma espiritualidade não religiosa e *comunhão espiritual* entre os membros da cena *underground* com as tribos urbanas *headbangers*, há aspectos internos na socialização desse grupo que impedem que essa espiritualidade não religiosa ocorra de forma plena. Na sua visão, para que essa espiritualidade não religiosa seja visível na tribo seria necessário uma maior seriedade e também focar nos *aspectos que importam*. O radicalismo ou como ele chamou de *picuinhas* é que atrapalham a cena *underground* em Belo Horizonte. Ainda de acordo com ele, o que falta para a consolidação de um *mesmo espírito* na cena *underground* é uma maior *seriedade* desses participantes.

Um outro participante da pesquisa foi direto em sua resposta. Na sua visão as pessoas e em especial os/as roqueiros/as sem religião, estão à procura de algo que preencha esse lado da espiritualidade. “Sim, porque eles estão à procura de alguma coisa lá para poder achar a espiritualização. Espiritualidade, né?” (Participante 2, homem, 44 anos). No relato desse participante, o que verificamos é que, a seu ver, as pessoas estão abertas para novas formas de socialização. Nessa abertura e possibilidade para procura de algo que preencha as suas necessidades, o *rock* poderia se encaixar nessa espiritualidade não religiosa, com os/as roqueiros/as sem religião que estão nas tribos urbanas *headbangers*.

O relato de outro participante a quem fizemos a pergunta é o seguinte:

Ah, atualmente não, cara. Mais, uma vez eu falo, não. O *headbanger* não quer saber disso não. Não quer saber de buscar espiritualidade, tal. Cada um, busca a sua, e não comenta e não conecta também, sabe? Não vai criar uma religião chamada espiritualidade dentro do *heavy metal* de pessoas que pensam da mesma maneira dentro da religião. Nunca. Cada um vai viver desconectado para lá e, cada um com sua crença. Talvez o cara hoje está acreditando em Deus, amanhã não está mais, depois volta a acreditar em Deus de novo e continua ouvir *heavy metal* e a vida segue, entendeu? Eu acho que o *heavy metal* nunca vai ser uma tribo, onde vão se unir para falar de espiritualidade. Acho que nunca. (Participante 3, homem, 42 anos).

De acordo com o relato desse participante, o *rock* não geraria um tipo de espiritualidade não religiosa na socialização dos/as roqueiros/as sem religião. Ele acha que são muitas cosmovisões dentro do *heavy metal*, inclusive para crer ou não em Deus. Na sua visão essa espiritualidade não religiosa nunca vai ocorrer dentro do *heavy metal*, pois ele pensa essa espiritualidade não religiosa como a criação de uma religião dentro do *heavy metal* e não como um espírito de ligação ou socialização com o *rock*.

O relato de outro participante da pesquisa é o seguinte:

Sim. O *rock*, quando você fala do *rock*, a música mesmo. Estilo musical. Sim, eu acho, eu creio que sim. Creio que sim, não sei se eu poderia falar sobre isso. Porque quando você fala do *rock* também, quando você fala da música, mas aí eu penso nessa questão de você se reunir para escutar um som, como você falou, e você organizar um evento, escutar, você se diverte ali. Você tem prazer ali do evento, você sabe? Essas coisas que envolvem a música, né? (Participante 4, homem, 35 anos).

Para esse participante o *rock* poderia, sim, gerar essa espiritualidade não religiosa entre os/as roqueiros/as sem religião nas tribos urbanas *headbangers*, com a música, com a socialização que ocorre na reunião para *escutar um som*, para *organizar um evento*. Ainda, de acordo com ele, há *um prazer no evento*, que para ele são situações que *envolvem a música*.

E aquela música te leva a fazer coisas, né? De socializar e de gerar um prazer e que parece que dependendo do estado que você chega ali de prazer naquela música, parece que te eleva até uma transcendência, né? Parece que tem esse poder também, né? A galera... pô, quantas vezes no meio do mocha ali, cara, você abraça um cara e começa chorar no meio do mocha, sabe? Isso eu já fiz muito, cara. Os dois choram ali de emoção por causa de um *riff*, né? (Participante 4, homem, 35 anos).

De acordo com esse participante, o *rock* leva o seu ouvinte a *fazer coisas* e essa música pode *gerar um prazer*. Para ele, há o *prazer naquela música* conforme o estado de espírito que a pessoa chega ao *show*, essa música *eleva até uma transcendência*. Na sua visão é uma emoção muito grande quando todos estão reunidos em um *show no mosh*, que pode levar o adepto das tribos urbanas *headbangers* às lágrimas. Essa situação já aconteceu com ele tanto no *mosh* quanto ao ouvir um *riff* de guitarra em um *show*.

O relato de outro participante da pesquisa ajuda-nos a entender a sua visão em relação ao *rock* como gerador de um tipo de espiritualidade não religiosa. De acordo com ele, o *rock* pode, sim, gerar essa espiritualidade não religiosa no *ritual* e na *espiritualidade* e as pessoas *se conectam no show*.

Eu me considero tiozão mesmo assim, dinossauro. Vivi isso tudo aí que você está falando também. Mas, eu acho que sim, quando a gente fala muito sobre essas palavras. Ritual, espiritualidade, não sei o quê, fica uma coisa meio zumbi, meio transe. Você está em um *show de rock*, eu acho que sim cara. As pessoas se conectam no *show de rock*, claro. Se não, não estariam ali, né? (Participante 5, homem, 43 anos).

Seguimos com o relato de outro participante da pesquisa e, de acordo com a sua experiência, o *rock* pode gerar essa espiritualidade não religiosa, que pode ser apreendida e absorvida pela comunidade em torno de um estilo de *rock*. Mas ele acredita que o *rock* ainda é muito contestado e o próprio *rock* está recheado de visões que não trazem uma espiritualidade não religiosa. Mesmo assim, ele acredita que o *rock* possa ser uma ferramenta para esse tipo de espiritualidade não religiosa.

Sim. Acredito demais. Acredito porque na verdade, ela pode ser apreendida, sendo absorvida por aquela comunidade, aquele determinado tipo de *rock*. Porque infelizmente, eu acredito que ele é bem rejeitado, né? É um pensamento, ele tem sim um espaço, mas ele ainda é muito recheado de coisas que não são necessariamente, que tragam esse tipo de espiritualidade

não religiosa, né? E eu acho que ele pode sim ser utilizado como ferramenta para esse determinado tipo de coisa, né? (Participante 6, homem, 35 anos).

Para outro participante da pesquisa haveria, sim, essa espiritualidade não religiosa, que ele chamou de *transcendência* e que, a seu ver, acontece no *compartilhamento de expressões culturais e artísticas*. Isso não ocorre apenas com o movimento *punk* e as tribos urbanas *headbangers* com o *rock*, o *heavy metal* e seus subgêneros, mas é inseparável do ser humano com seu *envolvimento com a arte e as expressões culturais*.

Não chamaria de espiritualidade, mas de uma certa transcendência, muito característica da experiência de compartilhar as expressões culturais e artísticas, não só no ambiente *metal/punk* urbano, mas numa perspectiva mais ampla, que é inerente ao envolvimento com a arte e as expressões culturais. (Participante 7, homem, 38 anos).

Outra participante da pesquisa começa o seu relato falando que essa experiência não é *espiritual não*. A princípio, ela trouxe essa categoria da espiritualidade para os aspectos religiosos e sinalizou que essa experiência ficaria apenas nos aspectos sociais de grupo com a identificação, coesão, união e sentimento de pertencimento.

É lá no Maffesoli que a nebulosa afetiva, sim. Mas eu não vou falar que é espiritual não. É muito mais identitária. Tá? É uma nebulosa afetiva identitária, que une o grupo ali. Né? Tem uma coesão ali. A maioria gosta quase mais ou menos da mesma coisa, né? É mais, como é que fala? Identitário.” (Participante 8, mulher, 46 anos).

Num segundo momento, para essa participante o *rock* poderia sim gerar um tipo de espiritualidade não religiosa entre os/as roqueiros/as sem religião, que estão nas tribos urbanas *headbangers*. Na visão dela, isso ocorre na *cena underground* e traz a união das pessoas, mas ela mostra que essa ocorrência se dá com *poucos*, que são *fiéis*, mas que são *pouquíssimos*. “Eu acho que tem. A *cena underground* tem uma coisa aí que une, né, as pessoas. Tem uma união. Poucos. Fiéis. Pouquíssimos.” (Participante 8, mulher, 46 anos). Esse relato nos mostra não apenas que o *rock* possa gerar esse tipo de espiritualidade na *cena underground*, além de sinalizar que há pessoas que são *fiéis* a essa cena e ao *rock*.

Ainda na visão dessa participante, o *rock* gera esse tipo de espiritualidade não religiosa na socialização dos/as roqueiros/as sem religião só quando há a coletividade. “Eu acho que individualista aí não. Você não acha não?” (Participante 8, mulher, 46 anos). Para ela, essa espiritualidade não religiosa está ligada mais ao humano, com a ligação entre as pessoas e não tem nada a ver com a religião. “Mas você fala de humano. Tem uma coisa humana, uma ligação humana aí. Não espiritual. Não tem nada a ver com religião.” (Participante 8, mulher, 46 anos). Ao final, ela relata uma experiência vivida na qual o *rock* proporcionou essa espiritualidade não religiosa com os/as roqueiros/as sem religião, que fazem parte da tribo urbana *headbanger*, os quais ela conhece há muitos anos e ainda mantêm o *elo, ligação* que é própria do *metal* e o tempo *não quebra*. Ela usa de forma metafórica o aço, para mostrar essa potência, força e tenacidade dessa liga ferrosa ou, poderíamos dizer, metálica, que se apresenta como a ligação dos membros do *heavy metal* e das tribos urbanas que estão nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte.

Igual eu fui lá no aniversário, de uma pessoa que é das antigas. Tem um elo ali antigo. De anos e anos. O povo todo estava lá. Tem essa ligação igual aço né? Que é do *metal*, essa coisa que não quebra, né, com o tempo. Isso é legal. É isso que eu estou falando. Nesse sentido. (Participante 8, mulher, 46 anos).

Para outro participante da pesquisa, esse tipo de espiritualidade não religiosa se dá com o *vínculo, sociabilidade, que é professado entre os grupos e gera acolhimento*. Esse vínculo pode ocorrer com um mesmo espírito de grupos específicos, dentro de um mesmo *show*, com bandas de estilos diferentes, no qual as pessoas irão se aglutinar com *grupinhos separados* com estilos como o *black metal, hardcore e death metal*. Neste caso, podemos ver que cada adepto adere à tribo, de forma eletiva, com o prazer que é gerado no sentimento de pertencimento, de estar juntos, de partilha das mesmas emoções e gostos.

Acredito que esse tipo de vínculo, como é que eu posso te falar? Esse tipo de sociabilidade! Então esse tipo de sociabilidade dentro do que vai ser professado ali entre os grupos específicos, acaba que gera aquele acolhimento, né? Vou dar o exemplo, você pega esse pessoal, que gosta de *black metal*, o pessoal que você vê nos eventos. Engraçado é que quando tem um evento com várias bandas, estilos, ficam os grupinhos separados, o pessoal do *hardcore*, o pessoal do *death metal*, o pessoal do *black metal*, entendeu? (Participante 9, homem, 39 anos).

A última participante da pesquisa foi direta em sua resposta e disse que o *rock* não gera essa *espiritualidade/religião* em Belo Horizonte. Para ela, há pessoas que têm essas convicções, mas não são aceitas nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte: “O *rock* não gera espiritualidade/religião. Em Belo Horizonte existem outros ‘roqueiros’ com essas mesmas convicções, inclusive não é aceito de forma social e amigável nessa tribo pessoas que se dizem ‘roqueira’ e acreditam em religiões” (Participante 10, mulher, 28 anos).

No relato dessa participante podemos ver um certo radicalismo, que é próprio da cena *underground* em Belo Horizonte, com uma certa repulsa às religiões. Ela mostra que a pessoa que tenta entrar na tribo que ela pertence não é aceita de forma amistosa, quando mostra a possibilidade de qualquer crença religiosa. Nesse caso é bom ressaltar que embora ela não acredite na possibilidade de o *rock* gerar um tipo de espiritualidade não religiosa, ela reconhece que há em Belo Horizonte roqueiros/as com essas convicções.

O que verificamos nos relatos desses/as roqueiros/as sem religião, participantes da pesquisa é que a cidade de Belo Horizonte se apresenta cada vez mais como um espaço potencializado e um solo fértil para os relacionamentos pessoais e interpessoais, com a sociabilidade e o sentimento de pertencimento de pessoas das mais variadas idades, que se unem às tribos urbanas *headbangers*. Isso mostra o potencial do *rock*, do *heavy metal* e de seus subgêneros na cidade e, também, na contemporaneidade com a pós-modernidade para as mais variadas manifestações sociais, que sinalizam para a pluralidade e diversidade nos relacionamentos atualmente existentes.

Ao analisarmos o discurso desses participantes da pesquisa, que compõem a maioria dos entrevistados com 70% dos que acreditam que o *rock* pode realmente gerar um tipo de espiritualidade não religiosa na socialização dos/as roqueiros/as sem religião, verificamos que *rock* pode ser um elemento de ruptura com as instituições sociais, entre elas a religião. O *rock* pode também ser um elemento aglutinador na derivação de múltiplos pertencimentos, como vimos

nos relatos dos participantes da pesquisa com a espiritualidade não religiosa, que se torna uma fonte de várias formas de solidariedade e socializações, com o *rock*, o *heavy metal*, seus subgêneros e outros estilos musicais que foram citados, como o *punk*.

Analisando o discurso desses participantes da pesquisa, percebemos que o *rock* se torna um tipo gerador de espiritualidade não religiosa, justamente por proporcionar interações sociais mais diversas e plurais aos participantes das tribos urbanas *headbangers*. Nos relatos observamos ações que sinalizam para sociabilidades através do *rock*, o que também é verbalizado nos discursos com a *procura* pela *música rock*, bem como a comunhão que nesses momentos é gerada na solidariedade em *reunir; escutar; organizar; divertir; envolver; fazer as coisas, socializar e gerar um prazer*. Este prazer é mostrado como um prazer que começa com o estilo musical e pode levar o adepto da tribo a um nível mais elevado de espiritualidade não religiosa, com o *prazer naquela música, te leva até uma transcendência*. Não só essa *transcendência* foi relatada pelo viés de uma comunhão com aspectos de uma religiosidade. Para os participantes da pesquisa o *rock* é capaz de gerar uma espiritualidade não religiosa na *nebulosa afetiva identitária*, que proporciona uma *união dos fiéis*, com um *elo que não quebra o vínculo da sociabilidade, que vai ser professada e gera o acolhimento*.

3. Tribos urbanas *headbangers* ou círculos urbanos *headbangers* como fomentadoras da espiritualidade não religiosa através do *rock*

As diferenças nos relacionamentos que são expostas nos relatos dos participantes da pesquisa podem ser observadas nas mais variadas tribos urbanas *headbangers* ou círculos urbanos *headbangers* em sua abertura para o novo e para a troca de experiências e aprendizados coletivos. Neste caso, o *rock*, como objeto de socialização na cidade e na pós-modernidade fomenta a interação social junto aos/às roqueiros/as sem religião, realizando, assim, a função de ajuntamento dentro desses grupos. Essa coletividade participativa, como vimos até aqui, foi o que Maffesoli denominou como *tribos urbanas* ou simplesmente *tribalismo*:

Em face da anemia existencial suscitada por um social racionalizado demais, as tribos urbanas salientam a urgência de uma sociedade empática: partilha das emoções, partilha dos afetos. [...] O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda a vida social²².

O tribalismo tem o poder de quebrar a rigidez nos laços sociais e possibilita novas redes de relacionamentos, onde o grupo social torna-se dinâmico e orgânico. Na comunhão e no compartilhar as mesmas experiências, as tribalizações juvenis da década de 1980 e, ainda hoje, com os/as roqueiros/as sem religião que estão nas tribos urbanas *headbangers* ou nos círculos urbanos *headbangers*, mostram como os adeptos desses grupos se socializam em torno da música *rock, do heavy metal* e dos seus subgêneros como marco ideológico e coletivo.

Dessa forma, as tribalizações ou círculos contribuíram e ainda contribuem na socialização nos grandes centros urbanos, com a partilha e com o sentimento de pertencimento entre os

²² MAFFESOLI, 2010a, p. 11.

membros desses grupos. As mudanças no vínculo social pós-moderno, de acordo com Maffesoli, ocorrem com duas raízes essenciais. “De um lado, o que salienta os aspectos ao mesmo tempo ‘arcaicos’ e juvenis do tribalismo. De outro, o que salienta sua dimensão comunitária e a saturação do conceito de Indivíduo. Eis, parece-me, as duas raízes do tribalismo pós-moderno”²³.

Suspeitamos que esse grupo dos sem religião, que estão nas tribos urbanas *headbangers* com a espiritualidade não religiosa através da música *rock* estejam se posicionando de forma contrária às imposições da sociedade. A busca desses elementos de retorno ao *arcaico*, de uma busca por uma *dimensão comunitária* e a *saturação do conceito de indivíduo*, mostra justamente essa contraposição, que sinaliza para a descrença e a insatisfação com todas as instituições sociais contemporâneas, dentre elas a igreja. Nesses casos, essa espiritualidade não religiosa com as tribos urbanas *headbangers* e os círculos urbanos *headbangers*, provavelmente, possa talvez fomentar o percurso em que a pessoa possa escolher a que grupo pertencer como forma de resistência e não conformidade aos padrões impostos pela sociedade no contexto ocidental.

As possíveis leituras, releituras, novas significações e o retorno ao arcaísmo, realizado pelos/as roqueiros/as sem religião com o *rock* em uma espiritualidade não religiosa, além de mostrar uma provável ruptura e inconformismo com os padrões estabelecidos, talvez aponte para a riqueza da dimensão comunitária, que ocorre no encontro com o outro, com o diferente, e quebra o domínio do individual e do privado. Os grupos que se amalgamam com os mesmos ideais formam as tribos urbanas e círculos urbanos, que criam e recriam suas práticas culturais na socialidade e na alteridade.

Para Maffesoli, essa riqueza da diversidade tem solo fértil com o tribalismo pós-moderno: “O cotidiano e seus rituais, as emoções e paixões coletivas, simbolizadas pelo hedonismo de Dionísio, a importância do corpo em espetáculo e do gozo contemplativo, a revivescência do nomadismo contemporâneo, eis tudo que acompanha o tribalismo pós-moderno”²⁴. O tribalismo pós-moderno, com o arcaísmo, volta à fonte, às bases e ao primitivo, ao mesmo tempo passa pela vitalidade da vida. Podemos observar aqui uma correlação do arcaísmo com a comunidade dos/as roqueiros/as sem religião, que em alguns casos podem desenvolver um tipo de espiritualidade não religiosa na sociabilidade em torno da música *rock* nas tribos urbanas *headbangers*.

Toda a proposição contra cultural da cena *underground* com os/as roqueiros/as sem religião, que estão nas tribos urbanas *headbangers*, já apontam para esse arcaísmo. A forma altamente veloz e agressiva como as músicas são executadas, o vocal gutural, que mostra um retorno à animalidade, também com as letras das músicas ácidas e agressivas, que apresentam o caos e o fim, as indumentárias dos adeptos dessas tribos, as tatuagens e os acessórios também mostram o retorno ao tribal, a fonte e a tudo que possa representar o primitivo e, porque não dizer, o bestial.

Considerações finais

Este artigo, que é um recorte de nossa pesquisa de doutorado, perguntamos se o *rock* poderia gerar um tipo de espiritualidade não religiosa na socialização dos/as roqueiros/as sem

²³ MAFFESOLI, 2010a, p. 5.

²⁴ MAFFESOLI, 2010a, p. 3.

religião nos círculos urbanos *headbangers* em Belo Horizonte. Para isto fizemos o percurso histórico do *rock*, do *heavy metal* e seus subgêneros, com o nascimento da cena *underground* na capital mineira até os dias atuais. Percebemos, nos relatos dos participantes da pesquisa, uma autopreservação do grupo, pois por ser a nossa pesquisa sobre religião muitos já se mostravam constrangidos e se retraíam ao responder às questões. Também observamos essa autopreservação do grupo em relação à família, Estado, política e, especialmente, às igrejas cristãs. Verificamos através da maioria dos relatos dos participantes da pesquisa que nossa hipótese se confirmou com o *rock*, o *heavy metal* e seus subgêneros como geradores de uma espiritualidade não religiosa na socialização e solidariedade dos/as roqueiros/as sem religião. Embora, para a maioria dos participantes da pesquisa haja essa espiritualidade não religiosa, percebemos que ela não é unânime para esses entrevistados, devidos a pluralidade de cosmovisões dentro desse grupo, bem como pela rejeição e, até mesmo, aversão que os adeptos dos círculos urbanos *headbangers* têm em relação às instituições religiosas ou qualquer manifestação que se apresente como religiosa ou espiritual.

Referências

- MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). *Famecos*, Porto Alegre, v. 1, n. 20, 2003a. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3198/2463>. Acesso em: 18 abr. 2016.
- MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MAFFESOLI, Michel. *A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 2005a.
- MAFFESOLI, Michel. *A violência totalitária: ensaio de antropologia política*. Porto Alegre: Sulina, 2001a.
- MAFFESOLI, Michel. Cultura e comunicação juvenis. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 2, n. 4, 2005b. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/33/33>. Acesso em: 18 abr. 2016.
- MAFFESOLI, Michel. *Entre o bem e o mal: compêndio de subversão pós-moderna*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. *Homo eroticus as comunhões emocionais*. Rio de Janeiro: Forense, 2014.
- MAFFESOLI, Michel. La potencia de los lugares emblemáticos. *Convergencia*, Toluca, v. 14, n. 44, 2007a. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105504403>. Acesso em: 13 abr. 2016.
- MAFFESOLI, Michel. *Saturação*. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2010b.
- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo*. Vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001c.
- MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. *Famecos*, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2001b. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123/239>. Acesso em: 30 abr. 2021.

- MAFFESOLI, Michel. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003b.
- MAFFESOLI, Michel. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2007b.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12475/14252>. Acesso em: 08 abr. 2016.
- NASCIMENTO, Leonardo Henrique Alves de Lima; CALAÇA, Gleyber Eustáquio; DINIZ, Alexandre Magno; CALVO, Julia. Heavy metal Made in Minas Gerais: a construção de um movimento headbanger em Belo Horizonte na década de 1980. *Cadernos de História*, v. 20, n. 32, 2019. p. 180-197. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/18352>. Acesso em: 26 jun. 2020.
- PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva. (org.). *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004.
- RITZ, Claudia Danielle de Andrade. *Eu sou sem religião com crença: a fragilização da herança religiosa e a conservação da crença como elo de memória*. 2023. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CienciasDaReligiao_ClaudiaDanielleDeAndradeRitz_30425_Textocompleto.pdf. Acesso em: 24 de julho de 2023.
- RODRIGUES, Flávio Lages. A cidade e a memória na construção da espiritualidade não religiosa dos/as roqueiros/as sem religião. *Caminhos*, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 405–429, 2023. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/13342>. Acesso em: 30 out. 2023.
- RODRIGUES, Flávio Lages. *A liberdade do Espírito na vida e no rock*. Rio de Janeiro: MK, 2007.
- RODRIGUES, Flávio Lages. A utilização da música *rock* no diálogo inter-religioso e intercultural. *Reflexus*, Vitória, v. 13, n. 22, p. 669-697, 2019a. Disponível em: <http://revista.faculda-deunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/914>. Acesso em: 16 dez. 2019.
- RODRIGUES, Flávio Lages. As trajetórias da música *rock* na Comunidade Caverna de Adulão. *Interações*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 197-213, 2020a. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/17515>. Acesso em: 13 jul. 2020.
- RODRIGUES, Flávio Lages. Comunidade Caverna de Adulão: rock como fator de socialização. *Caminhos*, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 234-251, 2020b. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7498/4369>. Acesso em: 22 jul. 2020.
- RODRIGUES, Flávio Lages. Deus na música *rock*: uma visão ecológica dos grupos *headbanger's* e outros grupos juvenis na Comunidade Caverna de Adulão. In: PENNA, Heloísa Maria Moraes Moreira; AVELLAR, Júlia Batista Castilho de; CARVALHO, Rodrigo Ladeira. (Orgs.). *Deus(es) na literatura*. Belo Horizonte: Relicário, 2018a. p. 203-215.
- RODRIGUES, Flávio Lages. Igrejas e Comunidades *underground's*: novos modelos eclesiais? *Plura*, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 185-205, 2017. Disponível em: http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/1468/pdf_221. Acesso em: 07 abr. 2019.

- RODRIGUES, Flávio Lages. No princípio era o rock, e o rock estava na Caverna de Adulão, e o rock era a Caverna de Adulão. *GIS- Gesto, Imagem e Som- Revista de Antropologia*, São Paulo, v.7, n. 1, p. 1-31, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/185630/182512>. Acesso em: 14 jun. 2022.
- RODRIGUES, Flávio Lages. *O rock na evangelização*. Rio de Janeiro: MK, 2006.
- RODRIGUES, Flávio Lages. *Os desafios para a igreja pregar o Evangelho na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: MK, 2018b.
- RODRIGUES, Flávio Lages. Percurso histórico da Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte: novos modelos eclesiais? *Expedições, Morrinhos*, v. 9, n. 3, p. 71-90, 2018c. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/7660. Acesso em: 22 jul. 2019.
- STREIB, Heinz; KLEIN, Constantin. Religion and Spirituality. In: STAUSBERG, Michael; ENGLER, Steven (org.). *The Oxford Handbook of the Study of Religion*. New York/London: Oxford University Press, 2016. p. 73-83.
- VIEIRA, José Álvaro Campos. *Os sem-religião*. A aurora de uma espiritualidade não religiosa. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018.

Submetido em: 25/07/2023

Aprovado em: 17/11/2023